

ARTISTA DO MÊS



ESTE LADO PARA CIMA

SOROSORO



down
stage



SOROSORO

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Renato Amaral
Entrevista e texto: Bernardo Gasino
Diagramação: Tay Viana e Munique Fonseca
Direção de arte: Tay Viana e Munique Fonseca

ESTE LADO PARA CIMA

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Lena Patitucci
Entrevista e texto: Melissa Buzzatto
Diagramação: Tay Viana e Munique Fonseca
Direção de arte: Tay Viana e Munique Fonseca



Oi, oi!

Março é o mês em que eu fico mais velha e também é o mês em que dois dos meus trabalhos favoritos do ano – até agora – saíram. Sou particularmente muito fã de ambas bandas dessa edição e, por isso, pode ser meio suspeita da minha parte os elogios que tenho para os textos, fotos, entrevistas e todo o trabalho envolvido nessa revista.

Mas, sério, eu acho que vocês não vão se arrepender de conhecer um pouquinho mais da **Este Lado Para Cima** e da **Sorosoro**. Uma de Jundiá (SP) e outra de Blumenau (SC), ambas com sonoridades bem diferentes, mas igualmente irresistíveis.

Espero que vocês gostem delas tanto quanto eu.

Boa leitura,

Bia Vaccari

Editora-chefe e fundadora – Downstage



ARTISTA DO MÊS



SOROSORO

COMO A SOROSORO TRANSFORMA EXCESSO EM IDENTIDADE



ALGO ESTÁ PRESTES A ACONTECER:

COMO A SOROSORO TRANSFORMA EXCESSO EM IDENTIDADE



Blumenau é uma cidade catarinense com cerca de 380 mil habitantes, conhecida principalmente pela imigração alemã, incluindo a arquitetura, a culinária e o festival Oktoberfest.

Se você procurar pelas bandas mais tradicionais da região, dificilmente vai encontrar um conjunto de rock, muito menos de slowcore ou shoegaze.

Esse parece ter sido o cenário perfeito para o surgimento da **sorosoro**.

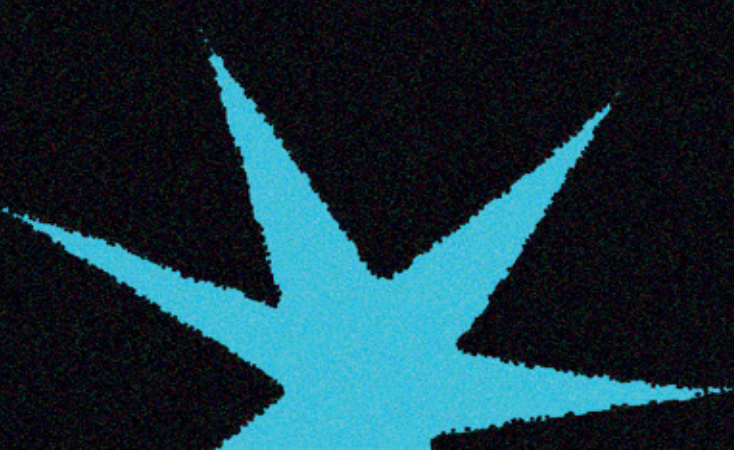


É UMA TENTATIVA DE FAZER UM SOM QUE EU GOSTARIA DE VER AO VIVO, SABE? FAZER UMA BANDA QUE O EU, O ADOLESCENTE, IA GOSTAR DE VER”, RESUME PEDRO MUSEKA, VOCALISTA E LETRISTA.



Da vontade de fazer um som com os amigos no interior catarinense, nasceu uma das bandas mais interessantes da cena. Com estilo totalmente ímpar, a sorosoro acaba de lançar seu primeiro álbum, *Eu e Você ou Tudo o que Não Quero Que Você Saiba*, em que explora da sutileza ao maximalismo (e todas as possibilidades no meio disso).

Conversamos com André Muller, Caio Moratelli, Miguel Alois e Pedro Museka sobre a formação da banda, a busca pelo próprio som, o novo álbum e o futuro.



O Twitter juntou e nada se separa

No período de flexibilização da pandemia, uma conversa no Twitter aproximou conhecidos blumenauenses com uma ideia simples: se encontrar para fazer um som sem compromisso.

“Eu falava com o Caio pra gente ter um projeto, fazer uma jam”, conta Miguel. “A gente conhecia o Pedro, e essa jam era pra ser depois do ensaio da Ahab Sealife Conservation Inc (a outra banda do Pedro). Daí como o pessoal da Ahab tava lá, eles ficaram também e daí entrou o Muller, a gente tava nessa vibe de ‘vamo chamar todo mundo pra banda então’”.

Com muita gente, muitas influências diferentes e muitas ideias, foram encontrando o line up ideal: três guitarristas, baixo, bateria, percussão e sintetizadores, embalados por letras complexas. Chegaram até mesmo a ter dois bateristas.

“No começo era pra ser uma banda de jam, e a gente viu que tava dando umas músicas legais, e a gente não tinha definido qual instrumento cada um tocava”, complementa Caio.

“Conforme as pessoas foram saindo e voltando pra banda, acabou resultando nessas três guitarras, e ao invés da gente tentar mudar, a gente só foi”.

O desafio era fazer tudo isso soar coeso, mas o grupo soube fazer do desafio uma das principais marcas: um **slowcore maximalista**, inspirado em **Duster**, **Low** e **Galaxie 500**, mas com uma camada extra de instrumentação, e doses de shoegaze, emocore e post-rock.



Miguel brinca: **“Sempre foi mais por vontade do que por bom senso”,** e Pedro arremata,

“Preferimos pecar pelo excesso do que pela falta.”



Aliás, uma grande alegoria para o som da **sorosoro** são os assuntos colossais e mitológicos que permeiam as letras: Doze trabalhos de Hércules, Teseu e o Minotauro, Kaijus, Guerra Fria e buracos negros.

Pedro, vocalista e principal letrista, explica:

“ACHO QUE EU SOU MUITO BOM EM FAZER TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA E AS MÚSICAS DO SORO SÃO UM POUCO ISSO: UMA GRANDE EXPLOSÃO, OU MELHOR, UMA IMPLOÇÃO”.

Entre as suas influências, ele cita **Michael Stipe**, do **R.E.M.**, e **Araldo Antunes**, artistas que flertam com o nonsense para passar uma emoção sem entregá-la de mão beijada.

“É UM POUCO TENTAR ENTENDER ESSA ENERGIA QUE TEM DENTRO DE VOCÊ E AS COISAS QUE VOCÊ TÁ SENTINDO E VIRAR ISSO PRA FORA, E ÀS VEZES PRA FAZER ISSO VOCÊ PRECISA TRANSFORMAR OS SEUS PROBLEMAS NUM MONSTRO GIGANTE OU NUMA BOMBA ATÔMICA.”





2410



podio
GR
AUTO POSTO
CASA

NÃO DÁ PRA PARAR, É TARDE PRA VOLTAR

Se no início tudo era improvisado, o tempo ajudou a dar forma ao som da banda. A **sorosoro** fez sua estreia em 2022 com o single **"escolha dolorosa"**, seguido pelo EP homônimo, já muito concisa sobre o caminho que seguiria, porém ainda definindo sua linguagem e seus espaços.

Foi em **"anêmica"**, single de 2024, que encontraram o som que os acompanharia de maneira mais definitiva.

"A gente passou muito tempo sem saber o que fazer com as músicas", reflete André. "Mas tocar ao vivo ajudou muito. Em 'anêmica', foi a primeira vez que a gente sentiu que tinha encontrado algo, tanto criativo quanto técnico."

O primeiro álbum é produto direto desse processo de autoconhecimento. Muitas das faixas já existiam ou foram compostas durante esses cinco anos de banda, mas ainda sem o arranjo ideal, e só ganharam forma definitiva depois de serem testadas.

"Tivemos bastante tempo pra tocá-las ao vivo e ver como funcionava melhor a sinergia da música e como trabalhar melhor com três guitarras", conta Caio.

Em **Eu e Você ou Tudo o que Não Quero Que Você Saiba**, a banda já conhece perfeitamente suas virtudes. Há liberdade, mas também consciência de linguagem.

"nichetok/corecore", que abre o álbum, é um deleite para quem ama guitarras cheias de reverb e tempos quebrados, e algo que se repete em excelentes faixas como **"Eu e Você como Alegoria para Guerra Fria"** e **"(HEAVY STORM DUSTER)"**.

Esse clima etéreo reaparece em boa parte das faixas, às vezes, com elementos mais brasileiros. É o caso de **"Uma Rapidinha antes que Gameciel..."** e **"Eu não aguento mais"**. Em **"Sutileza"**, a bateria evoca ritmos regionais, como baião, e em **"Jogo da Galinha"**, usa de argumentos falados e instrumentais atmosféricos para reverenciar bandas como o **Slint**.

"A gente ia fazendo umas jams, e algumas coisas ficaram muito legais (riffs, licks)", conta Muller. "Daqui a pouco o Pedro começava a improvisar no vocal alguma coisa, e depois de um, dois ensaios e o Pedro já chegava no ensaio com uma letra".

O processo é enriquecido justamente pela variedade de influências de cada membro do grupo, e aos poucos, a **sorosoro** vai formando o próprio som. Como Miguel investiga, **"os artistas tentam copiar outros artistas, falham nesse processo e acabam criando o que é deles"**.

E mesmo dentro de um gênero mais introspectivo, a banda demonstra uma habilidade curiosa: criar hits

"AH! EU ODEIO TRABALHAR" e **"Anna Liz (O Mundo é da Sua Cor)"** são faixas que grudam na cabeça, e perfeitas para serem cantadas pelo público nos shows da banda, e transmitem o bom humor e o clima de amizade que a banda cultiva.



RIFES LENTOS AMIZADES RÁPIDAS.

Para além das guitarras e das metáforas, a **sorosoro** leva a banda como uma espécie de missão em sua cidade natal. Em uma Blumenau ainda muito voltada para o mercado de bandas cover, o grupo percebeu que, para existir um lugar para o seu som, eles precisariam construir as próprias paredes desse espaço.

Essa inquietação transformou a banda em um motor de fomento local.

“Nosso primeiro evento foi num sábado à tarde, numa casa grande. A gente divulgou bastante... e deu 70 pessoas”, lembra Muller. “Pra gente, foi um estouro.”

A vontade de movimentar a engrenagem resultou na criação da **Prod**, uma produtora fundada pelos membros da banda, que nasceu da necessidade de amparar outros artistas independentes que desejam desbravar o interior catarinense.

A lógica é de colaboração, não de competição. O grupo entende que saturar o público com shows próprios pode ser um erro estratégico, então usam a **Prod** para abrir portas para bandas amigas de outras regiões.

Miguel explica: ***“A Prod é a nossa maneira de ajudar outras bandas sem necessariamente tocar junto como sorosoro. Conseguimos mudar um pouco a cultura da cidade com isso, trazendo mais artistas autorais.”***

O ativismo da **sorosoro** é silencioso, mas persistente e reverberante, como o próprio slowcore. Eles provaram que Blumenau tem sede de originalidade e que o intercâmbio entre cenas é o que mantém o som vivo, e faz sua mensagem chegar cada vez mais longe.

“Eu tô aqui pra provar que existe gente morando em Blumenau, e essas pessoas pensam e sentem coisas, e o resto do Brasil precisa ouvir e dar uma passada aqui em Blumenau”, brinca Pedro.

“Nem que seja pra gente virar amigo! Nós somos assim. Ninguém passa por nós sem comer uma cuquinha da vó [doce típico catarinense]”, ao que André completa, ***“Ninguém sai ileso!”***





EU E VOCÊ OU TUDO O QUE NÃO QUERO QUE VOCÊ SAIBA

O título do álbum é um paradoxo que resume a essência da **sorosoro**: a exposição disfarçada de segredo.

O que, enquanto banda, eles não queriam que as pessoas soubessem (mas contam rindo) são as pequenas brechas do processo — como o quase esquecimento dos vocais de “**Anna Liz (Eu Vou Aonde Você For)**” com o disco já “pronto”, ou o momento de ansiedade agora q ansiedade depois que o disco foi lançado.

“Eu espero que dê tudo o melhor possível, mas ao mesmo tempo eu tento ser realista”, desabafa Caio. “Eu não sei dizer o que vem por aí, mas essa insegurança dá aquela emoção para dar vontade de continuar e dar o melhor de si”.

Essa honestidade brutal transborda para o caos da vida real.

No fim, o segredo da **sorosoro** é que a grandiosidade de seus monstros e buracos negros é apenas a fachada para o que há de mais humano: o medo, a dúvida e a eterna busca pelo próximo riff ou acorde.

ARTISTA DO MÊS



ESTE LADO PARA CIMA

NOS RISCOS, AFETOS E CAMINHOS, ESTE LADO PARA CIMA
ENCONTRA SUA FORMA MAIS HONESTA

CARONA COM DESCONHECIDOS: NOS RISCOS, AFETOS E CAMINHOS, ESTE LADO PARA CIMA ENCONTRA SUA FORMA MAIS HONESTA EM NOVO EP

Sobre rodas e entre perdas, amizades e decisões criativas que exigem abrir mão do controle, a banda do interior paulista transforma um conjunto de vivências em um retrato do que significa crescer sem abandonar a própria linguagem.



Tem algo de muito específico na experiência de sair do interior e tentar construir alguma coisa que não está completamente dada. E não é exatamente sobre chegar nas grandes cidades, nem sobre a ideia esvaziada de "vencer", mas sim sobre o intervalo: o trajeto, os deslocamentos, os improvisos, as dependências.

Quem vem do interior sabe que, em algum momento, precisar de uma carona, seja ela literal ou não, não é uma experiência incomum. E foi assim, meio sem roteiro, que essa entrevista começou. **Danilo Guarnero**, o baixista, estava dirigindo. Voltando de um compromisso, ligou a câmera pelo Google Meet e pediu alguns minutos enquanto atravessava Jundiáí, nos ouvia e me levava numa "carona virtual".

Não deixa de ser curioso que um EP chamado **Carona Com Desconhecidos** ganhe esse tipo de introdução meio involuntária. Mais curioso ainda é perceber que, ao final da entrevista, aquela sensação inicial, de distância e formalidade, já tinha ido embora. Afinal, àquela altura, já não éramos mais completos desconhecidos.

Por isso mesmo, é difícil ignorar o paralelismo: o novo EP da **Este Lado Para Cima**, se materializa justamente nesse tipo de situação - em que confiança, tempo e deslocamento se misturam.



Aproveitando o gancho, começamos falando sobre o título do EP que, apesar da força da imagem, não nasceu como conceito central. “Eu pensei muito na transitoriedade das relações. As pessoas passam pela nossa vida de forma breve. Às vezes entram, às vezes nos deixam em momentos e lugares que a gente não espera”, explica o baterista **Rogério Filho**, que foi quem teve a ideia do nome.

“Foi a última coisa que a gente decidiu”, complementa Danilo. “E surgiu também porque a gente percebeu que todas as músicas, de uma forma ou outra, tinham alguma relação com carro, ou com coisa sobre rodas.”

A primeira pergunta da entrevista, no entanto, partia de uma leitura mais pessoal: **Carona Com Desconhecidos** sugere risco, deslocamento e vulnerabilidade. Sugere também abrir mão do controle e confiar no ignoto. Se colocar em trânsito sem domínio completo do percurso.

Mesmo que, num primeiro momento, essa ideia pareça um pouco distante do que realmente tange a de Rogério, **João** (guitarra e vocal) parece também enxergar essa relação, dizendo: “Essa coisa do risco, não necessariamente da carona, é algo que amarra tudo. A gente fala disso quando fala de trabalho também, em alguns momentos do EP, e de como isso pode intoxicar a nossa visão do mundo”.

Talvez seja nessa sobreposição de leituras que o EP encontra sua coerência. Não como conceito fechado, mas como campo de forças, com conceitos coexistindo sem precisarem se resolver de somente uma maneira.

SOBRE O TRÂNSITO



DE ONDE NASCE CARONA COM DESCONHECIDOS?

Agora, saindo do campo simbólico e focando mais nos processos, **Este Lado Para Cima** relembra o período de criação e, mais especificamente, o desejo de construir algo coletivo.

“A gente tinha meio que uma missão, que era a de mostrar nós quatro compondo juntos”, explica João, que é complementado por Danilo: **“O Self-Titled (2023) apresenta a banda, mas esse EP mostra o que a banda é agora”.**

A formação atual – com João, **Caio**, Danilo e Rogério – nem sempre funcionou assim. No começo, baterista e baixista entraram tocando músicas que já estavam prontas. **Carona Com Desconhecidos** é o primeiro registro que reúne tudo que foi construído a quatro mãos (ou oito, se preferir).

“Mesmo que as letras tenham vindo mais de um ou de outro em alguns momentos, a gente conseguiu fazer tudo junto”, continua João. “Nos ensaios, nas transições, nas decisões e até mesmo com essa coisa de cada um ter seu instrumento, mas todos estarem na voz. Tipo em ‘Toyota Camry 2003’, com todo mundo cantando junto, meio como acontece em roda de viola de cidade do interior”.

Dentro desse processo, algumas músicas acabam carregando significados mais complexos do que outras. “Jambu” é uma delas, e quase ficou de fora. “A gente ensaiou ela umas duas vezes antes de gravar”, lembra Danilo. “O Rogério insistiu muito pra ela entrar.”

O que faz “Jambu” se destacar não é só a música em si, mas o que ela concentra. Para João, a origem é clara:

“Na verdade, o nome dessa música era para ser Rodolfo Jr. A gente brinca porque no Self-Titled tem ‘Wilson’... parece que a gente tá criando uma família [risos]. O Rodolfo é um amigo meu – e é ‘junior’ porque o pai dele também é Rodolfo – e ele foi o primeiro amigo próximo a ter uma filha. Quando ele me mandou mensagem, me veio quase toda a ideia da música, e esse estalo sobre amadurecimento”.

Ao mesmo tempo, essa mesma canção carrega outro atravessamento completamente diferente: “Pra mim, ela lembra do meu cachorrinho Simon, que adoeceu e morreu na época em que eu gravava os baixos de Jambu”, diz Danilo.

O contraste entre tristeza e esperança é imediato e mostra nascimento e morte ocupando o mesmo espaço simbólico. Um sentimento agriado de viver e amadurecer que, segundo a própria banda, permeia o EP como um todo, mesmo quando outras temáticas são abordadas.





ABRINDO MÃO DO CONTROLE

Existe um momento específico em que essa ideia de abrir mão do controle entra no processo criativo de forma concreta: a decisão de não produzir o EP sozinhos.

Até então, a **Este Lado Para Cima** operava dentro de um modelo quase fechado, mais "artesanal", com **Caio Molena** centralizando a produção. Funcional e coerente com uma lógica DIY que muitas bandas do interior carregam. Mas também limitador.

"A gente sempre se orgulhou de fazer tudo, mas quis confiar em outras pessoas - que são amigos, e não desconhecidos - e ver o que acontecia", comenta Danilo.

Confiar a produção ao músico e produtor **Luke Mello**, na Urgent Studios, portanto, não foi só uma questão técnica, mas sim uma forma de deslocamento. Ir até São Paulo, sair da própria lógica, se colocar em risco criativo e aceitar interferências.

João explica o movimento a partir de dentro:

"O Caio nunca vai deixar de ter essa posição de orquestrar, pois é um eterno produtor. Mas quis se colocar, agora, mais como compositor. Foi uma forma da gente buscar uma visão externa. Sentar com o Luke, escutar opiniões, orientações e também um jeito de nos desafiarmos".



Referências e encontros

O som do EP reflete diretamente o encontro das trajetórias dos membros. Com uma janela de quase uma década entre as idades do membro mais velho e mais novo, as referências são múltiplas, mesmo que as vivências sejam parecidas, e aparecem distribuídas entre as faixas.

"Eu vou falar Los Hermanos, que eu era hater e agora eu gosto. A gente até tinha um cover de Los Hermanos na setlist do nosso show", diz Danilo.

"Eu estava ouvindo muito o **Buddha do Blink 182**, agora que estou consumindo mais pelo bandcamp e é o único álbum deles disponível lá. Blink, **Sum 41, Green Day, Simple Plan...** isso aparece bastante em 'Toyota Camry 2003', eu acho", complementa João.

Outras influências aparecem em camadas diferentes do EP, que não se limita ao pop punk. "Baliza' tem muito de post-punk, tipo **Jair Naves, Ludovic**", explica Danilo. "E 'Radares Desativados de Ubatuba' tem muito de ska e ska punk". Entre as referências, **Rolimã, Geese, IDLES, Sonic Youth, The Velvet Underground e Paramore** também são destaque para a construção de diferentes faixas, seja nas linhas de baixo, nas letras ou na sonoridade desejada, de forma geral.

O processo criativo, abordado anteriormente, acompanha essa lógica. Não há ritual rígido, método fechado ou uma disciplina formalizada. O que existe é convivência.

"Muita coisa é decidida depois do ensaio", diz João, falando de conversas que continuam em mesas de bar, em lanches compartilhados, em encontros que extrapolam a música. Danilo completa, falando que essas mesmas pessoas depois aparecem nos shows, cantam junto, participam. O processo, então, não termina na gravação - ele se estende.



Quando a conversa se encaminha para o futuro, a resposta não vem em forma de plano. Não há um destino claramente traçado. Há, no máximo, uma direção - e mesmo ela parece aberta.

"A gente tem um objetivo", diz João, "mas a prioridade é o percurso".

A frase poderia soar um pouco batida, mas não é. Ao longo da conversa, fica claro que esse "percurso" não é falta de direção, mas sim onde as coisas acontecem. Existe uma recusa em repetir fórmula, em acelerar etapas ou em transformar o processo em algo puramente funcional.

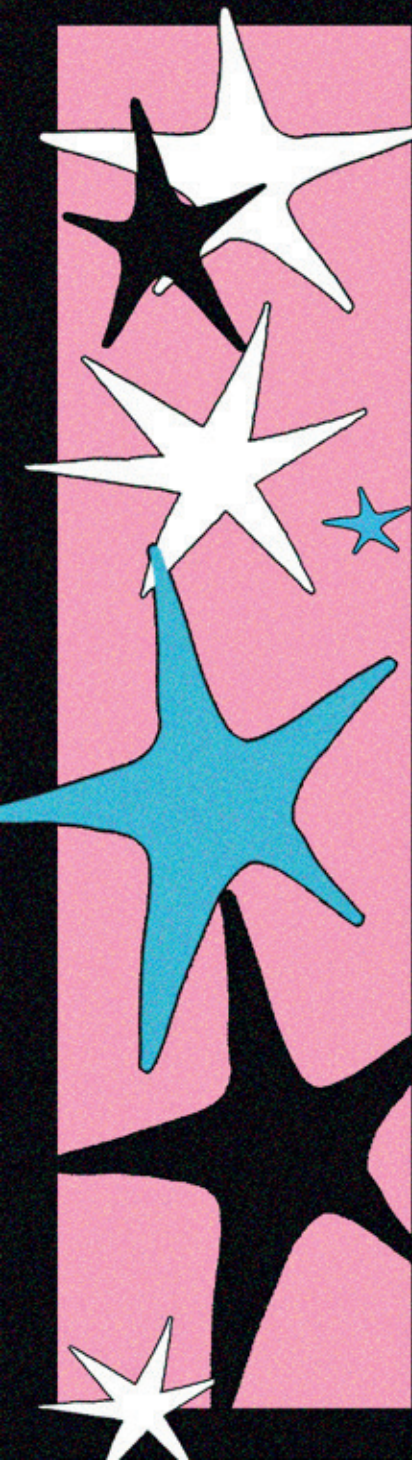
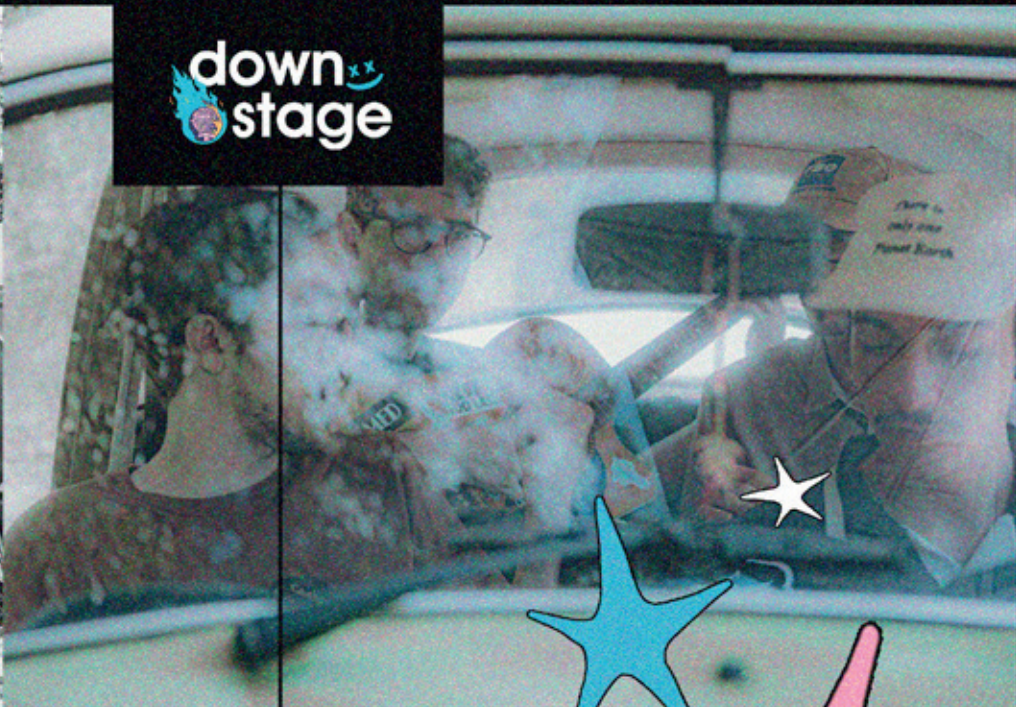
Danilo complementa a partir de outro ângulo, menos conceitual e mais prático. A banda, segundo ele, funciona em ciclos e nem sempre com a eficiência que o circuito exige. **"A gente não é muito de ficar se divulgando"**, admite. Ainda assim, eles reconhecem o movimento que vem acontecendo ao redor, especialmente o fortalecimento das bandas do interior ocupando espaço na capital.

Nesse ponto, a palavra "sorte" aparece - mas nunca sozinha. Porque, por trás dessa leitura, existe um acúmulo de trabalho, de insistência e de permanência.

"A gente vai meio que de carona com as coisas". E talvez seja isso que o EP registra com mais precisão: não o controle da jornada, mas o interesse em continuar se movendo, confiando no processo, nas pessoas e nas relações que fazem parte dele.



down
stage



ARTISTA
DO MÊS
ARTISTA
DO MÊS
SOROSORO
ESTE LADO PARA CIMA
DO MÊS